

# Entre o Oriente e o Ocidente: Representações Sociais de Lideranças da Uni-yôga em Santa Catarina

Helio Alves da Cruz  
adm.helio@bol.com.br  
Univali

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é investigar as representações sociais (RS) de lideranças da Uni-Yôga em Santa Catarina (SC) sobre as dualidades valorativas e práticas que perpassam a cultura da organização e o estilo de vida que ela promove. A pesquisa partiu de uma introdução geral, um referencial teórico-epistemológico (paradigma da complexidade e teoria das representações sociais), além de aspectos da bibliografia sobre estilo e qualidade de vida, sobre yôga e filosofia indiana. Dos procedimentos metodológicos, podem ser destacadas as seguintes características: a) pesquisa qualitativa; b) estudo de caso; c) entrevistas em profundidade, observação direta e análise documental. Foram entrevistadas as lideranças das seis unidades da rede Uni-Yôga situadas em SC, nos municípios de Florianópolis, São José e Joinville. Os resultados encontrados na pesquisa apontam no sentido de que os indivíduos integrantes desta rede organizacional têm um estilo peculiar de vida e de administrar a organização que viabiliza a cultura organizacional multicivilizacional. As RS identificadas e descritas indicam que o Swásthya-Yôga, característico da Uni-Yôga, favorece a combinação complexa de aspectos da cultura antiga e moderna, oriental e ocidental.

**Palavras Chave:** Representações - Estilo de Vida - Lideranças - Yôga - Complexidade

## 1 Considerações Iniciais

Os chamados estudos organizacionais (EO) distinguem-se por sua complexidade e abrangência, quando comparados aos estudos sobre administração das organizações, que enfatizam técnicas ou metodologias gerenciais ou áreas funcionais. Enquanto estes últimos são estudados com base na racionalidade instrumental e no paradigma funcionalista (FRANÇA FILHO, 2004), os EO contemplam aspectos culturais, ideológicos, políticos, éticos, representações sociais que, com muita frequência, são minimizados nos enfoques funcionalistas. Este trabalho não se identifica com o paradigma funcionalista, mas com o paradigma fenomenológico e com o emergente paradigma da complexidade, sob os quais é destacada a contribuição da teoria das representações sociais (TRS). Esta última é apropriada à abordagem dos estudos críticos que, ao lado das abordagens comportamentalista e estruturalista, compõe o conjunto das principais abordagens em EO, segundo uma classificação ampla proposta por França Filho (2004). Portanto, trata-se de uma abordagem que enfatiza ou recupera aspectos minimizados ou esquecidos nos estudos sob o enfoque funcionalista. Para isso, valoriza o diálogo interdisciplinar, os cruzamentos transdisciplinares, com uma concepção de ciência e de razão abertas, aproximativas sem a pretensão de obter resultados quantificáveis ou demonstrações lógicas inequívocas. Enfim, esta pesquisa pode ser caracterizada de acordo com a expressão de Chanlat (2000), procura compreender algumas dimensões fundamentais ou esquecidas nas pesquisas sobre organizações.

O que pretendemos com esta aproximação é justamente ressaltar algumas destas dimensões, tomando-se como ponto de apoio para a investigação as Representações Sociais (RS) de lideranças de unidades catarinenses de uma organização – a Uni-Yôga – que mescla, na sua história, valores e práticas tanto da civilização ocidental quanto da civilização oriental (mais especificamente brasileira e indiana). Então, esta pesquisa trata de aspectos culturais, RS de lideranças de uma organização que mescla valores orientais com valores ocidentais.

Nesse sentido, este trabalho buscará compreender uma organização através das RS das lideranças de seis unidades de uma rede organizacional, que tem como uma de suas características fundamentais o diálogo entre as culturas do Oriente e do Ocidente. A Uni-Yôga constitui-se como uma organização que objetiva a formação de instrutores de yôga. Essa organização brasileira caracteriza-se como mediadora de uma filosofia de vida tipicamente oriental e antiga, num ambiente ocidental e contemporâneo. Está em crescimento, situando-se em diversos países ocidentais, através do avanço da rede e da formação de instrutores (MUDREY, 2006).

A adaptação e o desenvolvimento de métodos de trabalho para a acomodação da tradição oriental no Ocidente despertam interesses de investigação quanto aos estilos de vida e comportamento dos indivíduos envolvidos no processo organizacional. Portanto, estudar uma filosofia típica e originalmente oriental e antiga, que se difunde num ambiente contemporâneo e ocidental implica em enfrentar uma temática controvertida, contraditória, com lógicas, crenças e valores que aparentemente não podem ser harmonizados, organizados. No entanto, é justamente isso o que faz a organização escolhida como objeto deste estudo.

Há, além disso, uma lacuna de pesquisas sobre organizações que envolvem práticas de yôga. Em levantamento feito no domínio público, [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br), realizado em 28 de julho de 2009 e atualizado em 04 de maio de 2010, constatou-se a existência de quatro trabalhos científicos: as dissertações de Mudrey (2006), Nunes (2008) e Achôa (2009) e a tese de Gonçalves (2008). As peculiaridades e a complexidade da cultura organizacional, a falta de

pesquisas sobre esta organização e sobre o Swasthya Yôga em particular, especialmente com uma combinação da TRS com o paradigma da complexidade (PC). Parece-nos que este tipo de investigação tem forte convergência com temas emergentes ou dimensões fundamentais nos estudos das organizações do século XXI (CHANLAT, 2000).

Diante do exposto, a problemática do estudo pode ser resumida na questão pesquisa. Quais as representações sociais de lideranças da Uni-Yôga em Santa Catarina sobre as dualidades valorativas e práticas que perpassam a cultura da organização?

O objetivo deste trabalho pode ser assim definido: Investigar as representações sociais de lideranças da Uni-Yôga em Santa Catarina sobre as dualidades valorativas e práticas (orientais-ocidentais) que perpassam a cultura da organização.

## **2 Referencial Teórico-paradigmático**

### **2.1 PARADIGMA DA COMPLEXIDADE**

Há na história da ciência uma disputa constante entre autores sobre o significado do que seja científico. Na antiguidade, a ciência não era autônoma em relação à filosofia. No início da chamada era moderna a ciência se desvincula da filosofia. Surgem várias ciências independentes (MORIN, 1998). Num primeiro momento, as ciências sociais tendem a imitar o método experimental, característico das ciências naturais. Assim, procura-se encontrar as leis de funcionamento da sociedade da mesma forma que os cientistas naturais buscam fórmulas e leis sobre o funcionamento da natureza.

O método complexo precisa manter-se aberto e plural, portanto. Não pretende substituir o paradigma disjuntor-redutor (da especialização), mas articulá-lo filosoficamente com outras formas especializadas de saber, com a filosofia e a própria cidadania. Não se trata de separar ciência e senso comum (especialista e leigo), mas de promover um diálogo aberto entre ciência e política, entre ciência e técnica, entre ciência e ética (MORIN, 1998). É nesse amplo contexto de diálogo entre as ciências e retomada do diálogo entre a filosofia e as ciências que se pode compreender a contribuição da teoria das representações sociais. Também esta teoria articula o senso comum ao saber especializado. Considera que o processo cognitivo está inevitavelmente vinculado a uma representação social familiar ou comum sobre o que é novo.

Morin (2007) diz que o propósito do PC é sensibilizar as enormes carências de nosso pensamento, e compreender que um pensamento mutilador conduz necessariamente a ações mutilantes. E que a doença da teoria está no doutrinário e no dogmatismo, que fecham à teoria nela mesma e a enrijecem. Para este autor, a realidade é feita de laços e interações, nosso conhecimento é incapaz de perceber o complexus – o que é tecido junto. O PC procurar articular sem fundir, distinguindo sem separar três dimensões da realidade: a da sociedade, a do indivíduo e a da espécie. Recusa o fechamento teórico sobre qualquer destas dimensões e concebe a relação entre ordem, desordem e reorganização permanente desde a física quântica até a reflexão sobre ética. Trata-se de um macroparadigma, no qual são possíveis teorias complexas como a teoria das representações sociais.

### **2.2 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

A teoria das representações sociais (TRS) ou o fenômeno das RS atualmente localiza-se no centro de um debate interdisciplinar sobre o relacionamento das construções simbólicas com a realidade social. Ela se propõe a pesquisar como os indivíduos se apropriam dessa

realidade social, como percebem e por que se definem pela sua transformação (GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 2008).

Moscovici (2008) destaca os aspectos relacionados à teoria das RS: crença coletiva e sua significância, saberes populares, senso comum, conflito entre o individual e o coletivo na realidade social, coexistência entre o os indivíduos e o sistema, transformações cognitivas, compreensão e dinamismo da sociedade, complexidade e elasticidade, resolução de problemas, dicotomias entre o indivíduo e o coletivo.

Os “fenômenos sociais que nos permitem identificar de maneira completa, as representações e de trabalhar sobre elas, nós o sabemos, as conversações, dentro das quais se elaboram os saberes populares e o senso comum” (MOSCOVICI, 2008, p. 9). Entretanto, Guareschi e Jovchelovitch (2008) consideram um erro grosseiro centralizar apenas no indivíduo os estudos de processos psicossociais, já que isso impede a percepção entre o todo e suas partes. Parece plausível que, para compreender-se a TRS aborde tanto questões da sociedade (todo) como dos indivíduos (partes). Essa percepção propõe não reduzir uma dimensão à outra, mas compreendê-las de forma ampla.

Para Farr (2008, p. 46) “somente vale a pena estudar uma representação social se ela estiver relativamente espalhada dentro da cultura em que o estudo é feito”, pois “as comparações implicam tanto semelhanças como diferenças”. A constatação da existência das RS em uma organização pode ser feita com o intuito de se conhecer as semelhanças e as diferenças dos valores compartilhados. Além das RS valorizarem os pensamentos dos indivíduos em seu contexto social, pode-se compreender que é “uma estratégia desenvolvida por atores sociais para enfrentar a diversidade e a mobilidade de um mundo que, embora pertença a todos, transcende a cada um individualmente” (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 81). A percepção de que o todo supera o individual, incentiva e enaltece o poder da sociedade em detrimento do individualismo. Nessa visão, “as representações sociais se manifestam em palavras, sentimentos e condutas e se institucionalizam, portanto, podem e devem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais” (MINAYO, 2008, p. 108). A manifestação das RS no comportamento social dos indivíduos caracteriza o compartilhamento de valores construídos a partir da visão de mundo dos próprios agentes. Portanto, podem ser utilizadas como base para investigações sobre a realidade social.

Minayo (2008, p. 108) diz que “algumas Representações Sociais são mais abrangentes em termos da sociedade como um todo e revelam a visão de mundo de determinada época”. Esta observação é especialmente relevante para o estudo das representações da Uni-Yôga. Mas a autora argumenta que as RS não são obrigatoriamente conscientes e se reproduzem por meio de estruturas coletivas. Elas podem ser um conglomerado de ideias das elites e das massas, também de correntes contemporâneas, que exprimem as contradições das relações sociais. Outra observação de Jovchelovitch (2008, p. 80-81) destaca o seguinte: as representações sociais não são um agregado de representações individuais da mesma forma que o social é mais que um agregado de indivíduos. Assim, a análise das representações sociais deve concentrar-se naqueles processos de comunicação e vida que não somente as engendram, mas que também lhe conferem uma estrutura peculiar. Esses processos, eu acredito, são processos de mediação social.

Jodelet (2001, p. 21-22) diz que “as representações sociais são fenômenos complexos sempre ativados e em ação na vida social”. Estes fenômenos podem ser estudados separadamente, em alguns elementos: informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens, etc. É uma “forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. A sua importância está

relacionada à vida social e ao esclarecimento dos processos cognitivos e das interações sociais. Já o núcleo central da representação é determinado, por um lado, pela natureza do objeto apresentado; por outro, pela relação que o sujeito mantém com esse objeto. Pois é um subconjunto da representação, composto de um ou de alguns elementos, cuja ausência desestruturaria ou daria uma significação radicalmente diferente à representação em seu conjunto. O núcleo central se caracteriza como o elemento mais estável da representação e mais resistente à mudança (ABRIC, 2001). Então, torna-se essencial ressaltar que pelas características das RS, muitas vezes, interessadas em fenômenos macrossociais, que são de natureza duradoura e tais fenômenos são difíceis de estudar em laboratório (MARKOVÁ, 2007). Porém, está interessada, por um lado, com questões de vínculos sociais e da ação e, por outro lado, com o conhecimento social, comunicação e linguagem (MOSCOVICI, 2007). As representações sociais se referem tanto a uma teoria como a um fenômeno. Elas são uma teoria que oferece um conjunto de conceitos articulados que buscam explicar como os saberes sociais são produzidos e transformados em processo de comunicação e interação social. Elas são um fenômeno que se refere a um conjunto de regularidades empíricas compreendendo as ideias, os valores e as práticas de comunidades humanas sobre objetos sociais específicos, bem como sobre os processos sociais comunicativos que os produzem e reproduzem (JOVCHELOVITCH, 2008).

O aparecimento e a propagação da teoria das RS possibilitaram a reflexão sobre novas questões, como a visão de mundo, as ideias e o conhecimento sobre a realidade social. As RS podem ser compreendidas como fenômeno (objeto de pesquisa), como teoria (resposta científica do estudo) e como metateoria (discussão da teoria) (VIANA, 2008). Porém, as RS podem ser consideradas como sinônimos de outras palavras. Há inúmeras outras palavras podem ser consideradas equivalentes, tais como: ideias, visões de mundo, consciência, conhecimento vulgar, saber popular, consciência coletiva, conhecimento comum, cultura popular, ideologia (além dos próprios termos senso comum, representações e representações coletivas, dependendo de como se concebe este último termo), etc (VIANA, 2008).

Enfim, através da visão de mundo das lideranças da organização, consiste a investigação sobre a construção da realidade social e seus significados sobre a filosofia de vida prática, transmitida por ela, o yôga. A TRS possibilita a adaptação e o desenvolvimento de métodos de trabalho para a acomodação da tradição oriental no Ocidente (Sá, 2001). Despertam interesses de investigação quanto aos estilos de vida e comportamento dos indivíduos envolvidos no processo organizacional. Pois “compreender a dinâmica social e seu espelho nas organizações é compreender o próprio homem enquanto protagonista da nossa evolução” (PIMENTEL, 2009, p. 5). As RS se caracterizam pelo processo de apropriação de um conhecimento por um determinado grupo (CHAMON, 2009). A representação é uma forma de elaboração de saber reconhecidamente importante, pois considera o repertório individual, a troca social e a subjetividade, na construção do conhecimento. A representação é um saber prático que reduz as aflições e medos do indivíduo em relação ao ambiente ao qual pertence e confere aos agentes um código de conduta que os reposiciona frente às emergências do cotidiano (FONSECA; MORAES; CHAMON, 2009).

### 2.3 ESTILO DE VIDA E QUALIDADE DE VIDA

A caracterização de um estilo de vida pode advir de uma mudança social e de hábitos. Essa mudança social como objetivo de um movimento pode significar tanto meta positiva, como a introdução de algo não existente até então, bem como negativa, como obstáculo a mudança. Pode ser decorrente de processo não-relacionado a movimentos sociais ou de movimento concorrentes. Os movimentos sociais podem produzir mudanças advindas de mudanças nos próprios movimentos e na sociedade, bem como a influência nos indivíduos

por meio da transformação de seu ambiente de atuação e suas características (SZTOMPKA, 1998).

Chor (1998, p. 659) cita que “diversos estudos têm demonstrado que educação, informação e acesso a bens e serviços não são suficientes para causar e manter mudanças de hábitos e atitudes relacionadas à saúde”. Portanto, depende do indivíduo a ação de modificar seus hábitos, em prol da melhoria da qualidade de vida e mudança de seu comportamento. É necessário compreender o aparecimento de redes e grupos específicos na sociedade de massa. E o individualismo é substituído pela necessidade de identificação com um grupo (MAFFESOLI, 1998). Chor (1999, p. 424) afirma que os “conceitos de normalidade e comportamentos socialmente desejáveis influenciam escolhas aparentemente individuais, fortemente relacionadas aos hábitos coletivos”.

A qualidade de vida se relaciona com diversas áreas do conhecimento: uma filosofia de vida alternativa, formas emergentes de atividades físicas e exercícios mentais, sempre com o objetivo de melhorar a vida dos cidadãos. O prolongamento da vida seja um valor biológico desejado, colocado como um valor cultural (MOREIRA, 2001). A qualidade de vida se expressa na cultura. E a civilização ocidental aparece como uma entre a imensidade de configurações culturais contemporâneas. “Na busca de um autoconhecimento o “Ocidente” olha-se nesse espelho” (DAWSEY, 2001, p. 29). Fela Moscovici (2003) diz que a qualidade de vida num ambiente organizacional contemporâneo que adotou um modelo burocrático de gestão está em meio a uma contradição. De um lado, o papel controlador e deliberado e de outro, a pressão pela criatividade, mudanças e soluções. Essa compreensão da complexidade conflituosa na vida organizacional causa dúvidas aos indivíduos quanto a sua trajetória profissional e pessoal. “A qualidade de vida não acompanhou a velocidade do avanço tecnológico, definindo gradativamente” (MOSCOVICI, 2003, p. 9). E o autor expõe que o indivíduo busca algo mais, profissionalmente, para completar e dar sentido à vida. O algo mais está relacionado com o autoconhecimento e sua individualidade.

“A qualidade de vida depende dos hábitos, das formas de dividir e utilizar o tempo diário, da orientação de cada um” (MOSCOVICI, 2003, p. 11). Esse equilíbrio necessário para se conquistar um estilo de vida em que o indivíduo tenha condições de prosperar tanto em aspectos profissionais e pessoais.

O avanço da ciência aponta na direção de um horizonte luminoso que recupera e revitaliza a visão de filósofos orientais e de antigas culturas ocidentais, integrando experiências místicas, intuição, racionalidade, método científico, modernidade (MOSCOVICI, 2003). Talvez devido a essas dificuldades enfrentadas pelos indivíduos na atualidade, cada vez mais filosofias orientais estão inseridas no ocidente. Como suporte na solução da carência humana na forma de viver. Tanto para correção em casos de doenças, como a prevenção de problemas futuros.

### **3 Procedimentos Metodológicos**

A pesquisa qualitativa mostrou-se adequada neste trabalho em razão da complexidade e multiplicidade de valores, crenças, hábitos, percepções e principalmente em função das características peculiares do objeto de pesquisa. Este tipo de pesquisa tem sido desenvolvido por autores que trabalham com a TRS, embora esta teoria também seja utilizada com metodologia de pesquisa quantitativa (ABRIC, 2001; LANE, 2004; SPINK, 2004; SOUZA FILHO, 2004; DUVEEN, 2007; MOSCOVICI, 2007). As informações foram coletadas por meio de entrevistas em profundidade, observação direta e documentos. Portanto, a pesquisa foi direcionada pelo estudo de caso (MERRIAM, 1998; STAKE, 2000; ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2000; ALVES-MAZZOTTI, 2006; GODOY, 2007), que trata de

fenômenos socioculturais. Os estudos qualitativos “constituem instrumentos indispensáveis e frequentemente mais ricos em informações – inclusive teóricas – para o conhecimento e a análise das representações sociais” (ABRIC, 2001, p. 169).

As pesquisas sobre RS desenvolvidas na América Latina, principalmente no Brasil, em sua maioria, tratam de investigar grupos sociais relacionados a diversos aspectos e as estratégias metodológicas utilizadas para abordar a TRS variam consideravelmente, desde entrevistas abertas, com roteiro semi-estruturado, questionários abertos e fechados, até escalas, desenhos e representações gráficas (LANE, 2004). Spink (2004) afirma que a fonte e coleta de dados para uma pesquisa sobre RS poderão ser realizadas através de entrevistas, de livros, documentos, memórias, jornais ou revistas. A partir de três técnicas normalmente utilizadas: verbais, não-verbais e observação. Todavia, a forma verbal se caracteriza como a mais usada, por meio de entrevistas abertas e consideradas como uma rica fonte de informações. As pesquisas sobre RS podem ser feitas por meio de pequenas amostras e compromete-se com situações sociais naturais e complexas, caracterizando-se como uma pesquisa qualitativa (SPINK, 2004). A tarefa básica de um estudo de RS é explicitar elementos de sentido isolados ou combinados em construtos representacionais; produzidos, mantidos e extintos em função de condições sociais específicas vividas por indivíduos e grupos (SOUZA FILHO, 2004).

Em estudos qualitativos o pesquisador se caracteriza como instrumento essencial de investigação (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2004). Os autores recomendam sejam utilizados para a coleta de dados as entrevistas em profundidade, a observação e a análise de documentos e que as experiências do pesquisador no processo investigativo sejam relatados. E um estudo de caso possibilita a “investigação dos fenômenos humanos e sociais, com destaque para o estudo de caso qualitativo e a sua utilização na área de organizações” (GODOY, 2007). O estudo de caso deve focar em uma situação peculiar e adotam um enfoque indutivo no processo de coleta e análise dos dados. E concluir que a versatilidade do estudo de caso tem contribuído para a sua disseminação em estudos organizacionais. Pode-se destacar que a entrevista se caracteriza como uma prática de pesquisa que “mostra claramente a crise metodológica desenvolvida nas ciências humanas e sociais a partir de seu afastamento do paradigma moderno do empirismo e do subjetivismo moderno” (GODOI; MATTOS, 2007, p. 301). O estudo de caso constitui uma investigação de uma unidade específica, situada em seu contexto, selecionada segundo critérios predeterminados e, utilizando múltiplas fontes de dados, que se propõe a oferecer uma visão holística do fenômeno estudado. Os critérios para identificação e seleção do caso, porém, bem como as formas de generalização propostas, variam segundo a vinculação paradigmática do pesquisador, a qual é de sua livre escolha e deve ser respeitada. O importante é que haja critérios explícitos para a seleção do caso e que este seja realmente um “caso”, isto é, uma situação complexa e/ou intrigante, cuja relevância justifique o esforço de compreensão (ALVES-MAZZOTTI, 2006).

A coleta de dados ocorreu por meio de análise documental e entrevistas abertas com roteiro estruturado. As entrevistas foram realizadas com as lideranças das seis unidades da rede Uni-Yôga sediadas em SC. Foram planejadas, realizadas, gravadas, transcritas e interpretadas à luz da TRS. Na pesquisa bibliográfica foi realizada uma busca por obras utilizadas e produzidas pela própria Uni-Yôga, que servem como fonte de estudos para os integrantes da rede. Por isso a importância de visitá-las. Porém, buscamos também obras de autores participantes de outras correntes de yôga e principalmente alguns autores científicos ou acadêmicos que escrevem sobre o tema.

A apresentação das informações colhida em campo ocorre de forma indireta neste trabalho. Pois utilizamos as transcrições literais, ou seja, fiel ao que cada entrevistado falou. Apenas fizemos alguns ajustes na transcrição, de modo que excluíssemos partes sem

importância e buscássemos uma maior clareza e economia de espaço no trabalho original. De qualquer modo, mantemos inalteradas as expressões dos entrevistados. Portanto, neste artigo apresentaremos apenas as RS que resultaram das entrevistas com as lideranças da organização.

#### **4 Filosofia Indiana e o Yôga: a Perspectiva da Uni-Yôga**

##### **4.1 YÔGA E A FILOSOFIA INDIANA**

O surgimento da filosofia de vida estudada neste trabalho, o yôga, ocorreu na Ásia, na região onde hoje é a Índia (ROHDEN, 1995). Ao mesmo tempo, o autor argumenta que a filosofia oriental, sobre tudo da Índia, caracteriza-se por ser intuitiva, em oposição à filosofia ocidental, preferencialmente intelectual. Por este motivo, a filosofia oriental é caracterizada pela meditação e concentração. E que o homem ocidental está acostumado a identificar a realidade com os fatos e para o oriental os fatos são reflexos da realidade. O ocidental valoriza o universo por suas manifestações externas, concretas, palpáveis, visíveis – já o oriental possui uma visão com intuição interiorista, consideram que os aspectos externos não são a realidade, somente efeitos visíveis de uma causa invisível.

Deveremos considerar o fato de que a concepção sobre o verdadeiro oriente “não é geográfico, mas sim humano, é a origem da luz, a alvorada da verdade, o nascimento da consciência da realidade que, em última análise, é o Eu divino no homem, o seu verdadeiro centro indimensional” (ROHDEN, 1995, p. 19). A completa auto-realização do homem consiste, pois, na integração total do ego físico-mental no Eu racional. Essa visão possibilita a investigação neste trabalho de uma organização existente no Ocidente, mas culturalmente advinda de uma vertente filosófica oriental.

A filosofia oriental como a ocidental não são contrárias uma a outra – são complementares; somente uma fusão orgânica poderia gerar uma filosofia completa e definitiva. O oriental teria que horizontalizar sua vida sem perder a verticalidade – e o ocidental deveria verticalizar suas ações horizontais (ROHDEN, 1995). Especialmente sobre o yôga, ele se caracteriza como um sistema ancestral de desenvolvimento físico, mental e espiritual, com um amplo aspecto para o refinamento integral individual e autoconhecimento. O yôga caracteriza-se por ser um método de desenvolvimento integral do homem. Por meio de suas técnicas milenares podem prevenir os indivíduos contra enfermidades, inclusive com investigações científicas comprovadas. Entretanto, o yôga provoca uma tendência de alteração dos hábitos, princípios de atuação e educação para a saúde em geral (SARIOL; LUCAS, 1996).

Os ensinamentos compõem os ingredientes bases para o celeiro da filosofia indiana (COOPER, 2002). Também pondera que a Índia não deve e não pode ser excluída de estudos filosóficos. Pois ela se dedica na explicação abrangente de nós mesmos e da realidade maior da qual fazemos parte.

Especificamente sobre os estudos de yôga, podemos assinalar com bases sólidas que a “prática da yoga, uma disciplina física e de meditação, é bastante antiga, tendo sido herdada pelos invasores arianos dos indianos mais antigos da civilização do Vale do Indo” (COOPER, 2002, p. 32). E os benefícios proporcionados pelo yôga são múltiplos, como prevenção de doenças, estimulação do funcionamento do sistema imunológico, respiratório, cardiovascular, ósseo-muscular e potencializar as capacidades mentais. Todavia, considera-se milenar a ciência do yôga (VÁZQUEZ, 2003). Por outro lado, tem aumentado as publicações que incluem variedades temáticas em torno do yôga e outras terapias alternativas, associadas sempre pela busca de uma melhor qualidade de vida (SAIZAR, 2003). Porém, “o que

caracteriza o Yôga não é o seu lado prática, mas também sua estrutura iniciática. Não se aprende Yôga sozinho; é necessária a orientação de um mestre” (ELIADE, 2004, p. 20-21).

O ritmo da respiração é obtido pela harmonização dos três momentos: a inspiração, a expiração e a retenção do ar. Os três membros do yôga: a concentração, a meditação e o êxtase (ELIADE, 2004). A prática respiratória de caracteriza como uma das bases do yôga. Por isso, ele é considerado uma filosofia de vida prática. O yôga consegue se impor como técnica universalmente aceita. Não apenas como um sistema filosófico e se serve da ascese e da técnica meditativa. Embora a civilização indiana se caracterize como complexa fascinante e contraditória, ela possui aspectos que induzem à reflexão sobre a diversidade entre os povos forma o patrimônio mundial e previne a uniformização cultural (ALBANESE, 2006). Entretanto, o alcance dos objetivos para o corpo pelo relaxamento do corpo produzido pela prática da meditação e dos exercícios físicos que requerem o yôga. Sua prática inclui controle da respiração e meditação (MARTÍN-ASUERO; BANDA, 2007).

Os ocidentais estão numa encruzilhada da sabedoria oriental dos pensadores indianos desde sete séculos antes de Cristo. Todas as civilizações no decorrer de seu desenvolvimento histórico se deparam com conceitos, palavras, símbolos, visões, imagens e costumes cotidianos indianos. A filosofia indiana transmite-nos uma análise intelectual dos indivíduos, operações mentais, avaliação de teorias e métodos que compreendem o ser humano. Bem como estuda os processos pelos quais aprendemos, assimilamos, interpretamos e compreendemos as experiências (ZIMMER, 2008).

Zimmer (2008) ironiza ao dizer que a filosofia ocidental tornou responsável pelo pensamento correto, crítico e sem preconceitos. Por meio de métodos de pensamentos progressistas das ciências e ignorando os valores tradicionais da sociedade e da filosofia. Ele defende que os pensadores do século XIX rejeitaram a possibilidade de considerar a filosofia indiana em posição de igualdade às demais. E que na Índia antiga cada saber está relacionado ao modo de vida de acordo com o mesmo. Pois a filosofia oriental é acompanhada e baseada pela prática de uma forma de vida. Como por exemplo, a meditação e os exercícios de yôga, necessários para a sabedoria ser guardada e transmitida com cuidado às gerações futuras.

#### 4.2 DESENVOLVIMENTO DO YÔGA NA PERSPECTIVA DA UNI-YÔGA

As obras de DeRose (1982, 1986, 1996, 2005), Santos (2001) e Silva (2007) servem como exemplo de inúmeras produções bibliográficas da Uni-Yôga, as quais são disseminadas por toda a rede e influenciam a formação dos praticantes, instrutores e líderes da organização. Por essa característica de compartilhar valores, pode-se argumentar que essas bibliografias produzidas pela própria rede baseiam e influenciam as RS de suas respectivas lideranças.

DeRose (1982) diz que o Yôga Clássico se caracteriza por uma profundidade e complexidade que se torna impraticável sua utilização em “academias de yôga” ocidentais. Apesar de o yôga ser um patrimônio da humanidade, ele depende de fatores culturais e não apenas comerciais, pois a sua prática, independentemente de ser orientais ou ocidentais requer que os praticantes tenham uma base filosófica naturalista. E, as divergências existentes entre os ramos, as características e a prática do yôga ocorrem pela falta de conhecimento da essência dessa filosofia.

O “yôga é uma prece feita com o corpo” (DeROSE, 1996, p. 93). No entanto não como forma de religião, mas como uma valorização do corpo humano. Pois DeRose rejeita claramente essa ideia, afirmando que o yôga não tem dogma, logo não é religião. Argumenta também que muitos praticantes de yôga fazem parte de diversas religiões diferentes na Índia e que em todo o mundo, não só no Brasil, vários padres, pastores e freiras são praticantes de yôga.

Para DeRose (2005, p. 62), o yôga é uma filosofia de vida, filosofia prática, constituída de quatro troncos e oito ramos, todos desiguais e parte deles incompatíveis. “O yôga não tem teoria, logo, não pode doutrinar. Não tem teoria, consequentemente não pode fazer catequese, não interfere nas crenças nem nas questões de foro íntimo”. Sérgio Santos (2001, p. 109), líder notável da Uni-Yôga, considera que “o yôga visa à integração do ser humano consigo mesmo, com os outros seres e com a natureza”.

Entretanto, Silva (2007, p.23) acrescenta outra líder da Uni-Yôga, ao tomar “contato com uma arte, filosofia ou cultura, imediatamente expandimos nossa consciência ante a possibilidade de adquirir novos conhecimentos, de fazer grandes descobertas”. O trabalho de pesquisa e codificação do Swásthya Yôga desenvolvido por DeRose é considerado como pioneiro no mundo. Portanto, além de ser utilizado pelas unidades da rede Uni-Yôga, serve de base para indivíduos de outras correntes conhecerem e fazerem uso do conteúdo dessa estruturação.

É fácil constatar que as regras e demais características do nosso método não eram conhecidas nem utilizadas anteriormente: basta consultar os livros das várias modalidades de Yôga publicados antes da codificação do Swásthya. Em nenhum deles vai ser encontrada referência alguma às regras gerais de execução (DeROSE, 1996).

A prática heterodoxa destina-se aquelas pessoas que têm diferentes necessidades ou capacidades para execução do yôga. A variedade do yôga em “todos os 108 tipos de yôga são diferentes entre si. Pois várias modalidades que utilizam nomes diferentes, modernos, chamativos ou ingleses, tratam-se de vertentes de Hatha Yôga com algumas alterações” (DeROSE, 2005, p. 100).

“O Yôga sempre foi uma disciplina restrita a um seletivo grupo de iniciados e isso manteve sua qualidade através dos séculos” (DeROSE, 1996 p. 25). O autor argumenta que é de fundamental importância a compreensão de que para caracterizar o Swásthya Yôga, não basta apenas seguir fielmente ao método. É necessário que os praticantes sejam o público certo. Portanto, que para se manter nos padrões contemporâneos de acordo com o seu status cultural, o instrutor de yôga precisa ter uma quantidade maior de alunos. Os quais não raro, na sua maioria, comparam preços e não qualidade. Finalmente, pode-se ponderar que atualmente os indivíduos estão à procura de algo que possa trazer um equilíbrio entre o físico e o mental. Talvez por isso, as sabedorias orientais se propaguem pelo Ocidente na contemporaneidade.

Os indivíduos buscam alternativas e novas possibilidades para obterem um conforto maior no mundo em que vivemos. Algo que facilite a convivência e o modo de sentir e ver as pessoas e a natureza. Talvez o yôga seja uma dessas possibilidades. Entretanto, o desenvolvimento do Método DeRose se apóia na concepção do Swásthya Yôga. “Swásthya Yôga é o yôga mais integral que existe. Swásthya Yôga é nome da sistematização do yôga mais completo do mundo, Yôga Ultra-Integral, baseado em raízes muito antigas (Dakshinacharatanrika-Niríshwarasámkhya Yôga)” (DeROSE, 1996, p. 61).

“Repúdio o proselitismo já que não me interessa ter gente pouco lúcida à minha volta” (DeROSE, 1996, p. 22). Portanto, o autor ainda diz que se especializaram em trabalhar com público jovem, saudável, descontraído, culto e de bem com a vida. Salienta que assim são os praticantes de Swásthya Yôga e a opção por determinado público demonstra o interesse de retransmissão dessa filosofia de vida ao longo do tempo. “[...] nosso Método, que é naturalista e está sustentado no estímulo à convivência refinada, no sentimento gregário, na cultura, na arte, na ética e na razão, pregando um estilo de vida saudável em todos os aspectos: físico, emocional e mental” (SILVA, 2007, p. 240).

No olhar de DeRose (1996), a profissão de instrutor de yoga está em expansão, possui flexibilidade de horários de trabalho e com remuneração compatível com o objetivo de cada profissional, trabalha com público selecionado, educado e inteligente, com liberdade de pensamento e ação.

O estímulo aos alunos e profissionais para terem seu próprio ponto de vista, desenvolvendo um senso crítico sob uma ótica sensorial e desrepressora, num contexto absolutamente lógico, racional e naturalista (SILVA, 2007). O comportamento incentivado pela instituição conduz aos valores éticos, afetivos, familiares, profissionais e sociais. Como citado por DeRose (2005), que fazemos questão absoluta de que nossos instrutores e alunos sejam rigorosamente éticos em todas as suas atitudes, tanto no yoga, quanto no trabalho, nas relações afetivas, na família e em todas as circunstâncias da vida.

## 5 Representações Sociais de Lideranças da Uni-Yoga em SC

Nesta seção, apresentamos e analisamos as informações colhidas nas entrevistas e nos documentos pesquisados à luz da TRS. Entrevistamos oito líderes da Uni-Yoga, sendo seis por meio de entrevistas individuais e dois entrevistados simultaneamente. As temáticas apresentadas nesta seção do trabalho são provenientes ou surgiram a partir da pesquisa bibliográfica realizada tanto para o referencial teórico-paradigmático como para a análise documental. Especialmente, as obras relacionadas direta ou indiretamente ao objeto de estudo.

Os resultados encontrados na pesquisa de campo junto às lideranças da Uni-Yoga em SC, por meio das RS predominantes no conjunto de entrevistados podem ser sintetizados e apontados a seguir:

**Tabela 1:** Representações Sociais de Lideranças da Uni-Yoga em SC

- |   |
|---|
| <p>a) <i>Mudança de visão de mundo ocidental para uma visão de mundo também oriental:</i> apesar da diversidade de motivos iniciais que provocaram uma mudança de visão de mundo ocidental para uma visão também oriental, pode-se notar que os entrevistados adaptaram-se a essa filosofia oriental, o yoga, de forma que seguiram carreira profissional na Rede Uni-Yoga.</p> <p>b) <i>Valores orientais concretizados em hábitos pelas lideranças da Uni-Yoga:</i> valorização das relações sociais, o compartilhamento de valores pelo exemplo e pela adesão à filosofia e não pelo convencimento nem por imposição. Como exemplos, têm-se: a mudança de comportamento na alimentação sem carnes – vegetariana, abster-se do consumo de álcool e drogas, a busca de uma evolução no modo de agir e de relacionar-se.</p> <p>c) <i>Prática do yoga e as mudanças advindas:</i> as mudanças podem ser percebidas principalmente pela visão de mundo, decisões diferenciadas em escolhas na vida, mudança do estilo de vida e hábitos, aumento da vitalidade e dinamismo, sensações mais apuradas, valorização do físico, respiração e postura, regulação mental, emocional e psicológico, cumplicidade no grupo social, menor resistência a mudanças, compartilhamento de um mesmo ideal e filosofia, a forma de administrar a própria vida e a organização.</p> <p>d) <i>Liderança, clima organizacional e conflitos:</i> a prática de yoga permite uma percepção mais apurada das causas dos conflitos. As RS sobre as lideranças são denominadas como liberal, saudável, agradável, cooperativa, informativa, empreendedora e filosófica; os entrevistados afirmam que devem proporcionar o desenvolvimento pessoal, coletivo, familiar, profissional e provocar uma mudança saudável de hábitos. Eles sinalizam que a prática do yoga também pode contribuir para a melhoria do clima organizacional, dos relacionamentos interpessoais, na solução de conflitos, no desenvolvimento humano, no aumento de produtividade e na prevenção de doenças. Possibilita também, dizem eles, o desenvolvimento do autoconhecimento na equipe e que na equipe há um esforço de conciliação, pois o yoga tende a reeducar as emoções, a gerar coesão na equipe e favorecer um clima organizacional convergente. Os conflitos organizacionais tende a atenuar-se devido ao fato de que os instrutores percebem o seu trabalho como parte de uma filosofia de vida.</p> <p>e) <i>Liderança do DeRose:</i> é percebida pelos os entrevistados como proativa, simpática, carismática, serena, educadora, experiente, essencial, exemplar e que promove um desenvolvimento profissional, pessoal, familiar e afetivo nos indivíduos inseridos na rede. Tem a admiração de outros líderes da Rede Uni-Yoga, tanto por características de sua liderança organizacional como por sua personalidade (idealista, visionário, filósofo, humano).</p> <p>f) <i>Administração de cada unidade:</i> foi definida pelos entrevistados como gestão participativa. Os instrutores são autônomos, empreendedores, tomam decisões em conjunto sobre questões relacionadas ao marketing, à</p> |
|---|

pedagogia, às finanças e à qualidade. Eles dividem os custos, despesas, tarefas e responsabilidades. Portanto, estimulam a competitividade e consideram uma forma de selecionar pessoas, mas atentam que isso precisa ser gerenciado de forma que não gere insatisfações nos membros da equipe. Cada unidade é considerada uma associação aberta a novas ideias, com reuniões periódicas para reflexão sobre as áreas financeiras e pedagógicas. Valorizam a experiência de lideranças nacionais da rede na prospecção e organização mercadológica.

g) *Trajetoária de líderes na Uni-Yôga, suas metas e desafios*: aqui citaremos algumas características gerais das trajetórias de lideranças, como: de reconhecimento e realização profissional, de prosperidade, de excelência técnica, de atuação efetiva na difusão do yôga antigo, de desenvolvimento pessoal e de prazer ao trabalho realizado. E suas metas e desafios são de buscar a instrução formal, de acender na escala evolutiva, de aumentar a quantidade de alunos na escola, de escrever livros, de realizar viagens de estudos, de ter uma equipe auto-suficiente, de formar novos instrutores, de oferecer treinamentos em organizações e de compartilhar os valores com empresários e políticos. É evidente que este tópico se refere a características individuais e particulares.

h) *Planejamento nas unidades*: foi considerada importante a realização de reuniões estratégicas e a definição de metas como de quantidade de alunos, de arrecadação por instrutor, de formação de instrutores, de trabalho social, de fidelização e satisfação de alunos, de evasão máxima e de ações pedagógicas. As principais dificuldades apontadas foram: sazonalidade da demanda, a gestão administrativa e o gerenciamento operacional.

i) *Sistema de avaliação de desempenho*: foi descrito pelos líderes pesquisados por duas formas – das escolas e dos instrutores. Nas escolas são realizadas reuniões periódicas em âmbito regional, estadual, nacional e internacional; existe um controle por meio de indicadores comparativos de unidades e federações; procuram identificar o desempenho das escolas, mas cada unidade tem suas próprias metas das áreas de marketing, financeira e pedagógica. Nos últimos cinco anos houve uma tentativa de implantar um planejamento estratégico e metas de desempenho. Antes disso as escolas eram administradas de forma amadoras. Tinham ótimos professores, mas não sabiam administrar. Hoje trabalham com metas, existe um ranking comparativo e indicadores básicos. Dentro das escolas existem indicadores de desempenho, como número de alunos de cada escola, número de alunos por instrutor, número de visitas, perfis interessantes de alunos e a sua efetividade em matrículas, tem-se índice de evasão da escola e por instrutor, tempo médio de permanência dos alunos, vendas de livros, faturamento, telemarketing, comunicação via e-mail, taxa de retorno e lucratividade. Em relação aos instrutores, apontaram que o aluno praticante que desejar fazer carreira profissional na Uni-Yôga ou se manter atuando dentro da rede, precisará fazer um curso preparatório. Nesse curso, o primeiro passo é a realização de um módulo pedagógico, para conhecer as técnicas e saber executá-las. E, um segundo módulo, com lições de como ministrar aulas, conhecer a escola e saber trabalhar com o yôga. Após, segue-se para uma bateria de exames de prova na Federação. Em seguida, vem à parte prática, corporal, auditiva, com identificação e execução das coreografias da forma mais antiga e original de praticar yôga. A próxima fase é uma avaliação comportamental do indivíduo, que é tão importante quanto à parte teórica ou prática do yôga. Enfim, após todo esse processo, o profissional poderá atuar na rede. Finalmente e conseqüentemente, todos os anos há uma revalidação do certificado. E quanto mais experiente o instrutor, maior o grau de exigência. Pois objetivam a busca pelo aprimoramento teórico, técnico, didático e pedagógico.

j) *Crescimento da Uni-Yôga em Santa Catarina, no Brasil e no exterior*: os entrevistados analisam que em Florianópolis há uma das maiores concentrações per capita de instrutores; em Santa Catarina percebem que existe uma dificuldade em expandir, essencialmente no interior, pois há um crescimento tímido e necessita de um trabalho específico; no Brasil avaliam que existem cidades com potenciais para a abertura de novas escolas; segundo eles, no exterior há um público mais receptivo. E recentemente foram abertas escolas em vários países como Itália, Bélgica, Austrália e Estados Unidos. Enfim, o mundo está conhecendo o Swásthya Yôga.

l) *Contribuição social, humana e ambiental da Uni-Yôga, desafios e benefícios*: a contribuição (social, humana e ambiental) da Uni-Yôga é vista pelos entrevistados como a almejar a construção de cidadãos ecologicamente corretos, por meio de uma ecologia corporal e ambiental. Portanto, eles citaram o aspecto oficial e institucional, como o hábito de participar em campanhas de agasalho, de brinquedos, de alimentação e de livros, por exemplos. Salientam também que é importante expandir alguns hábitos saudáveis à sociedade, pois a consciência ecológica faz parte da própria filosofia do yôga. Segundo eles, essa riqueza e herança (Swásthya Yôga) objetiva o desenvolvimento pessoal, a qualidade de vida, a conscientização ecológica e o trabalho cooperativo. Mas acima de tudo, promover o desenvolvimento sustentável e aprimorar as pessoas como seres humanos; o desafio da Uni-Yôga, segundo os entrevistados, se caracteriza em realizar um trabalho profissional, técnico, sério, agradável e não místico. Portanto, por meio de valores sensoriais, cooperativos, culturais, estilo de vida e relacionamentos humanos saudáveis; outro desafio seria de continuar a disseminação do Método DeRose. Talvez o principal desafio, seja de continuar formando instrutores com o objetivo de perpetuar o yôga sem deturpação; os benefícios às presentes e futuras gerações foram consideradas como a formação de cidadãos ecológicos e com uma visão de mundo angular, que ao passar pelo yôga sejam reeducadas em seu corpo, valores e crenças.

## 6 Considerações Finais

O enfoque deste estudo pode ser caracterizado como uma abordagem que enfatiza ou recupera aspectos minimizados ou esquecidos pelos estudos funcionalistas. Para isso, valorizamos o diálogo interdisciplinar e os estudos transdisciplinares, com uma concepção de ciência e de razão abertas, aproximativas, sem a pretensão de obter resultados quantificáveis ou demonstrações lógicas inequívocas. O que pretendemos com esta aproximação é justamente ressaltar algumas destas dimensões, tomando-se como ponto de apoio para a investigação das RS de lideranças das unidades catarinenses de uma organização – a Uni-Yôga – que mescla valores e práticas tanto da civilização ocidental quanto da civilização oriental, especialmente brasileira e indiana.

Os aspectos amplos de nossa sociedade contemporânea e precedentes a esta pretensão de fazermos um estudo multidisciplinar à luz da TRS, do PC, do estilo e da qualidade de vida, em uma organização que mescla valores orientais e ocidentais, podemos definir da seguinte forma: a) atualmente percebe-se uma crise que mescla aspectos econômicos, ecológicos, sociais, culturais, políticos, epidemiológicos, etc; b) mudança climática global e a desigualdade social, ainda que as organizações mercadológicas se envolvam em diversos projetos de responsabilidade social; c) dominação cultural-religiosa, o tecnicismo, o economicismo, o cientificismo, o colonialismo, o imperialismo, o racismo, etc; d) contradições e ambivalências da cultura ocidental; e) filosofia ocidental, que ao longo dos séculos tem marginalizado e mesmo ignorado as contribuições de indianos, chineses, japoneses e de povos de outras regiões do mundo fora da Europa Ocidental e da América do Norte.

A resistência de indivíduos no que se refere a mudar valores vinculados a estilos de vida dominantes e desequilibrados. Os hábitos saudáveis de vida se caracterizam como determinantes essenciais para evitar o aparecimento nos indivíduos das chamadas doenças da civilização. Enfim, este estudo partiu do pressuposto de que a investigação e a discussão sobre a crise de valores e os estilos de vida podem contribuir para a melhoria da qualidade de vida, tanto no ocidente quanto no oriente. Isto faz sentido numa abordagem aproximativa e não conclusiva, pois a adoção de práticas de yôga pode influenciar positivamente o comportamento dos indivíduos e refletir na forma de administrar uma organização.

Esta pesquisa situa-se no campo de estudos organizacionais, que são em parte teóricos e em parte empíricos. Partiu-se do pressuposto de que a TRS pode ser relevante para tais estudos, especialmente por conjugar aspectos sociológicos e psicológicos da visão de mundo dos indivíduos envolvidos numa determinada organização e contexto. Nesse sentido, este trabalho buscou compreender uma organização e as RS das lideranças de seis unidades de uma rede organizacional, que tem como uma de suas características fundamentais o diálogo entre as culturas do Oriente e do Ocidente. A Uni-Yôga constitui-se como uma organização que objetiva a formação de instrutores de yôga. Essa organização brasileira caracteriza-se como mediadora de uma filosofia de vida tipicamente oriental e antiga, num ambiente ocidental e contemporâneo.

O objetivo desse estudo, portanto, de investigar as RS de lideranças da Uni-Yôga em SC sobre as dualidades valorativas e práticas (orientais-ocidentais) que perpassam a cultura da organização. Pois de um lado, as RS podem ser indicadas para compreender os valores dos indivíduos e dos grupos sociais, as visões de mundo das pessoas, o compartilhamento de valores sociais e a construção de uma realidade social. E por outro lado, a incapacidade de pensar o complexo faz da complexidade um desafio, muito mais do que uma solução. O chamado PC não se apresenta como solução, mas como crítica e aposta na articulação do que tem sido desarticulado.

As RS das lideranças encontradas demonstram a preocupação desses líderes em diversas frentes de trabalho. Tanto em questões técnicas e pedagógicas, da filosofia de vida que cultivam, quanto na participação em assuntos relacionados à gestão do empreendimento, no aperfeiçoamento instrumental e na busca por uma excelência mercadológica. Mas também têm preocupação social, humana e ambiental, visando a formação de instrutores e a continuidade do Swásthya Yôga, que envolve, conforme já vimos, aspectos comportamentais e técnicos. Existe uma preocupação recorrente dessas lideranças em viabilizar o empreendimento da organização com base em valores humanos e administrativos: ética, responsabilidade social e ambiental, amizade, lealdade, gestão participativa, planejamento estratégico, entre outros. A Uni-Yôga, portanto, não está baseada apenas valores filosóficos. Portanto, pode-se concluir que os pilares organizacionais da Uni-Yôga estão baseados na hierarquia, administração participação, práticas e valores. Esses pilares expressam a combinação complexa de valores, práticas e princípios administrativos característicos tanto do Oriente como do Ocidente. Nesse sentido, as investigações sobre valores e práticas poderiam contribuir com a meta central dos estudos críticos em administração, qual seja, compreender algumas dimensões fundamentais ou esquecidas nas pesquisas sobre organizações (CHANLAT, 2000).

## 7 Referências

- ABRIC, J.** O estudo experimental das representações sociais. In: JODELET, D. (org.). As representações sociais. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- ACHÔA, L.** Repensando os limites da comunicação e da consciência corporal: uma análise da prática do Yoga à luz da teoria do corpomídia. 2009. 103 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2009.
- ALBANESE, M.** Índia antiga. Barcelona: Folio, 2006.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J.** Usos e abusos dos estudos de caso. Cadernos de pesquisa. v. 36, n. 129, p. 637-651, set./dez. 2006.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJADER, F.** O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. 2ª ed. São Paulo: Pioneira, 2004.
- AMATO, M. C. M.; AMATO, S. J. T. A.** Estilo de vida. 5ª ed. São Paulo: Roca, 2004.
- CAPPELLE, M. C. A.; CRAMER, L. PAULA NETTO, A.** Relações de gênero na polícia: a construção das representações sociais do masculino e feminino em uma organização militar. In: XXV Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (EnANPAD). Rio de Janeiro/RJ, 2001. Anais... Rio de Janeiro/RJ, 2001, CD Room.
- CASTRO, M. E.; ROLIM, M. O.; MAURICIO, T. F.** Prevenção da hipertensão e sua relação com o estilo de vida de trabalhadores. Acta Paulista de Enfermagem. São Paulo, v. 18, n. 2, p. 184-189, 2005.
- CEIRANO, V.** Las representaciones sociales de la pobreza. Cinta de Moebio – Facultad de Ciencias Sociales – Universidad de Chile. Chile, n. 9, nov./2000.
- CHAMON, E. M. Q. O.** Representação social e práticas organizacionais. In: CHAMON, E. M. Q. O. (Org.). Representação social e práticas organizacionais. Rio de Janeiro: Brasport, 2009.
- CHANLAT, J. F.** Ciências sociais e *management*: reconciliando o econômico e o social. São Paulo: Atlas, 2000.
- CHOR, D.** Hipertensão arterial entre funcionários de banco estatal no Rio de Janeiro. Hábitos de vida e tratamento. Arquivos Brasileiros de Cardiologia. v. 71, n. 5, p. 653-660, 1998.
- CHOR, D.** Saúde pública e mudança de comportamento: uma questão contemporânea. Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 423-425, abr./jun. 1999.
- COOPER, D. E.** As filosofias do mundo. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- DAWSEY, J. C.** Coisa de Macunaíma; cultura e dialética da qualidade vida. In: Qualidade de vida: complexidade e educação. MOREIRA, W. W. (Org.). Campinas/SP: Papyrus, 2001.

- DeROSE, L. S.** Origens do yôga antigo. São Paulo: Nobel, 2005.
- DeROSE, L. S.** Questionando o Yôga. São Paulo: Uni-Yôga, 1986.
- DeROSE, L. S.** Yôga Sûtra de Pátañjali. São Paulo: Editora União Nacional de Yôga, 1982.
- DeROSE, L. S.** Yôga: mitos e verdades. São Paulo: União Nacional de Yôga, 1996.
- DUVEEN, G.** Introdução – o poder das ideias. *In:* MOSCOVICI, S. Representações sociais: investigações em psicologia social. 5ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.
- ELIADE, M.** Yoga: imortalidade e liberdade. 3ª edição. São Paulo: Palas Athena, 2004.
- FARR, R. M.** Representações sociais: a teoria e a história. *In:* GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). Textos em representações sociais. 10ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.
- FONSECA, R.; MORAES, P. M.; CHAMON, E. M. Q. O.** Liderança e representação social. *In:* CHAMON, E. M. Q. O. (Org.). Representação social e práticas organizacionais. Rio de Janeiro: Brasport, 2009.
- FRANÇA FILHO, G. C.** Para um olhar epistemológico da administração: problematizando o seu objeto. *In:* SANTOS, R. S. Administração política como campo do conhecimento. São Paulo-Salvador: Edições Mandacaru-Fundação Escola de Administração Universidade Federal da Bahia, 2004.
- GODOY, A. S.** Estudo de caso qualitativo. *In:* GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B.; Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, 2007.
- GONÇALVES, M.** O imaginário coletivo de professores de ioga brasileiros: um estudo sobre campos psicológicos. 2008. 120 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação na área de Psicologia como Profissão e Ciência, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, 2008.
- GONZÁLES, V. L.; WATERLAND, A. D.** Efectos del Hatha-Yoga sobre la salud – parte I. Revista Cubana Medicina General Integral. Havana – Cuba, v. 14, n. 4, ago./1998.
- GONZÁLES, V. L.; WATERLAND, A. D.** Efectos del Hatha-Yoga sobre la salud – parte II. Revista Cubana Medicina General Integral. Havana – Cuba, v. 14, n. 5, p. 499-503, 1998.
- GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S.** Introdução. *In:* GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). Textos em representações sociais. 10ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.
- JODELET, D.** As representações sociais. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- JOVCHELOVITCH, S.** Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.
- LANE, S. T. M.** Usos e abusos do conceito de representação social. *In:* SPINK, M. J. P. (Org.). O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- MAFFESOLI, M.** O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense, 1998.
- MARTÍN-ASUERO, A.; BANDA, G. G.** Las ventajas de estar presente: desarrollando una conciencia plena para reducir el malestar psicológico. International Journal of Clinical and Health Psychology – Asociación Española de Psicología Conductual – AEPC. Granada – España, v. 7, n. 2, p. 369-384, 2007.
- MERRIAM, S. B.** Qualitative research and case study applications in education. San Francisco/CA: Jossey-Bass Publishers, 1998.
- MINAYO, M. C. S.** O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. *In:* GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). Textos em representações sociais. 10ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.
- MOREIRA, W. W.** Qualidade de vida: como enfrentar esse desafio. *In:* Qualidade de vida: complexidade e educação. MOREIRA, W. W. (Org.). Campinas/SP: Papirus, 2001.
- MORIN, E.** Ciência com consciência. 2ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- MORIN, E.** Introdução ao pensamento complexo. 3ª ed. Porto Alegre: 2007.
- MORIN, E.** O método 6: ética. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- MOSCOVICI, F.** Renascença organizacional. 10ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- MOSCOVICI, S.** Prefácio. *In:* GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). Textos em representações sociais. 10ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

- MOSCOVICI, S.** Representações sociais: investigações em psicologia social. 5ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.
- MUDREY, D.** Racionalidades e valores: um estudo em duas unidades da rede Uni-Yôga. 2006, 138 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração e Turismo, Universidade do Vale do Itajaí, Biguaçu/SC, 2006.
- MUDREY, D.; BOEIRA, S. L.** Um estudo sobre racionalidades e valores em duas unidades da Uni-Yôga. XXXII ENANPAD. Rio de Janeiro/RJ, set./2008.
- NUNES, T. C. L.** Yoga: do corpo, a consciência; do corpo à consciência – o significado da experiência corporal em praticantes de yoga. 2008. 166 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.
- PIMENTEL, C.** Sociedade e organização: um ponto de vista. *In:* CHAMON, E. M. Q. O. (Org.). Representação social e práticas organizacionais. Rio de Janeiro: Brasport, 2009.
- REED, M.** Teoria organizacional: um campo historicamente contestado. *In:* CALDAS, M.; FACHIN, R.; FISCHER, T. (Orgs.) Handbook de estudos organizacionais. Vol. 1. Modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais. São Paulo: Atlas, 1999.
- ROHDEN, H.** O espírito da filosofia oriental. São Paulo: Martin Claret, 1995.
- SÁ, C. P.** Prefácio à edição brasileira. *In:* JODELET, D. (org.). As representações sociais. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- SAIZAR, M.** La práctica del Yoga – relatos de usuarios en Buenos Aires. Mitológicas – Centro Argentino de Etnología Americana. Buenos Aires – Argentina, v. 18, p. 29-57, 2003.
- SANTOS, S. L. H.** Yôga, Sámkha e Tantra. 4ª ed. São Paulo: Editora União Nacional de Yôga, 2001.
- SARIOL, G. A.; LUCAS, A.** Yogaterapia de la hipertensión arterial esencial. Revista Cubana de Investigaciones Biomédicas – Instituto de Ciencias Básicas y Preclínicas “Victoria de Girón”. Havana – Cuba, v. 15, n. 1, jan./jun. 1996.
- SILVA, L.** Léxico de yôga antigo. Florianópolis: DeRose Editora, 2007.
- SOUZA FILHO, E. A.** Análise de representações sociais. *In:* SPINK, M. J. P. (Org.). O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- SPINK, M. J. P.** O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- STAKE, R. E.** Case studies. *In:* DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (ed.) Handbook of qualitative research. London: Sage, 2000.
- SZTOMPKA, P.** A sociologia da mudança social. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- VÁZQUEZ, E. P.** Yoga para sentarse recto y relajado. Centro Nacional de Información de Ciencias Médicas – ACIMED. Havana – Cuba, v. 11, n.1, jan./fev. 2003.
- VIANA, N.** Senso comum, representações sociais e representações cotidianas. Bauru/SP: Edusc, 2008.
- ZIMMER, H. R.** Filosofias da Índia. 4ª edição. São Paulo: Palas Athena, 2008.